

INVERSÃO DE VALORES: O SER PROFESSOR E A ATUAL CRISE DE IDENTIDADE DOCENTE

Jonas da Silva Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba – rodriguesufpb@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa, fruto de discussões da disciplina de Estágio I do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, tem como objetivo central questionar de que forma o estágio supervisionado, como componente curricular pode contribuir para a formação do ser professor inicialmente, e de que forma os professores constroem sua prática e sua identidade como sujeitos detentores do conhecimento. Através da fala dos profissionais do campo disciplinar de Ciências elencar quais são as principais dificuldades que estes encontram, e o que é necessário para ensinar. Além disso, defendemos a ideia do Estágio Supervisionado como área de conhecimento, de investigação e pesquisa que contribui ativamente para a construção do humano como profissional docente, por ser capaz de através do contato com diferentes saberes na escola, construir pontes entre a mesma e a experiência acadêmica, possibilitando um maior diálogo entre os saberes da experiência e da docência, tornando-se assim, um auxiliar também na formação da identidade docente no caráter individual e coletivo, simultaneamente. Através do presente estudo quisemos demonstrar a importância do Estágio Supervisionado como uma ferramenta capaz de desenvolver nos alunos da graduação uma atitude investigativa, fazendo-os penetrar no seio de um laboratório vivo – a escola, e se sentirem capazes de antes de serem um profissionais propriamente ditos, terem a oportunidade de enfrentar a realidade de nossas escolas, e saírem delas com uma visão mais arraigada do que um professor do nosso século precisa para lidar da melhor forma com a profissão, além de despertar neles questionamentos referentes a prática docente, e respostas de como enfrentar a realidade que enxergam.

Palavras-chave: Estágio I, Formação, Identidade docente, Saberes, Experiência.

INTRODUÇÃO

O mundo vive hoje, dentro do contexto sócio-político-econômico, um processo de inversão de valores, onde devido a uma intensa influência da globalização e modernização, valores são atribuídos mais a algumas coisas, e menos a outras, e a profissão docente assume uma das de desigual valor, sendo mal reconhecida e pouco valorizada. Devido a essa crise exterior de inversão de papéis e valores, os debates acadêmicos chegam a ferver quando o assunto se trata de políticas e práticas de reconhecimento da posição do professor na nossa sociedade hoje.

O sistema político no qual estamos inseridos, sugere de imediato competição profissional, melhor posição social, e maior valorização de cargo e carreira. E quando se trata da educação em si, vemos a ação de políticas que visam a

mercantilização do ensino, e em consequência gera-se uma certa desvalorização ainda maior do ser, fazendo com que a escola perca o seu papel de uma instituição social, e os professores se sintam desmotivados, desestruturados e até mesmo impotentes, afetando ainda mais o que já se encontra agravado. No momento em que cada vez mais o sistema faz maiores exigências aos professores, e não dá a eles condições de cumprir com as mesmas, a eficiência e a produtividade que deveriam ser produtos das exigências, acabam por intensificar a crise de identidade docente.

A questão é que o sentido da profissão docente hoje, sofre muitos impactos econômicos, políticos e ideológicos. Além de atravessar uma crise de identidade no que se refere ao ser e querer ser professor, transpassa na vida desses profissionais uma desvalorização, um baixo reconhecimento profissional, e uma baixa remuneração. Aspectos que chegam a afetar o desempenho educacional, por se tratar de questões paradigmáticas, que vem se lutando para superá-las, e quase nada se tem conseguido. Afinal, qual o verdadeiro sentido do ser professor?

Desse modo, o sentido da profissão do ser professor está em “considerar os aspectos subjetivos da profissão, que dizem da identificação e da adesão dos sujeitos a ela, para que os candidatos a essa profissão digam, para si, que querem ser professores” (PIMENTA, 2012, p.64), mas o que vemos é que apenas o “sim” a profissão não tem bastado. É necessário reconhecer-se como tal, e entender que o ser professor vai além de uma certa instrumentalização. E além do mais, o ser professor requer doação, coragem, e acima de tudo, reconhecimento.

Diante de uma realidade educacional que necessita de transformações imediatas no tocante a alunos e professores, acreditamos ainda haver esperanças de uma mudança educacional vindoura. Questionamos de que forma o estágio supervisionado, como componente curricular pode contribuir para a formação do ser professor inicialmente? E de que forma os professores constroem sua prática e sua identidade como sujeitos detentores do conhecimento?

A pesquisa de identidade profissional docente adquire um caráter de totalidade do vir a ser professor, no momento em que considera a pessoa do professor como um ser trivalente, sendo este um ser social, individual e profissional ao mesmo tempo. Social por possuir uma identidade socializadora, sendo capaz não de doutrinar seus alunos, mas de direcioná-los, ser um mediador entre o aluno e a cultura que esse está imerso;

individual, quando se leva em conta os processos subjetivos e as ações do sujeito no processo de vir a ser, que dá sentido à construção e a transmissão dessa identidade; e profissional, por considerar o professor como uma pessoa capaz de construir-se e caracterizar-se como bom naquilo que escolheu ser, na tessitura de experiências e nas relações que organizam a profissão docente.

Defendemos, dessa forma, a ideia do Estágio Supervisionado como área de conhecimento, de investigação e pesquisa que contribui ativamente para a construção do humano como profissional docente, por ser capaz de através do contato com diferentes saberes na escola, construir pontes entre a mesma e a experiência acadêmica, possibilitando um maior diálogo entre os saberes da experiência e da docência, tornando-se assim, um auxiliador também na formação da identidade docente no caráter individual e coletivo, simultaneamente.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão é fruto de discussões da disciplina Estágio Supervisionado I realizadas em sala de aula, e de visitas a 7 escolas das redes municipal e estadual de ensino das cidades de Alagoa Grande, Areia e Remígio localizadas estado da Paraíba, sendo 6 destas situadas na zona urbana, e 1 delas na zona rural, mais especificamente da cidade de Areia.

Foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas com 7 professores da disciplina de Ciências, todas elas baseadas em suas histórias de vida, e relatos de experiência da construção da atual profissão que exercem. Além das entrevistas, acompanhamos algumas turmas do Ensino Fundamental com o intuito de analisar como andam as relações interpessoais em sala de aula, bem como, observar de que forma os professores tem lidado com a profissão docente.

Após a aplicação dos questionários, os mesmos foram analisados, e os resultados debatidos em sala de aula para um maior aprofundamento das questões referentes ao sentido e as dificuldades do ser professor encontradas nas falas desses profissionais. Para a pesquisa em questão, foram analisadas duas questões principais, sendo elas: “Quais as principais dificuldades que encontro no exercício da docência?”, e “Para ensinar é preciso...?”. Uma das principais questões levantadas foi a da precarização e desvalorização da profissão docente, que é o tema do presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para uma análise qualitativa dos dados coletados, e uma discussão mais reflexiva dos resultados das entrevistas, optamos por utilizar como base bibliográfica ARROYO (2000), PIMENTA (1996, 2002) e SILVA (2005), por trazerem conceitos relacionados a imagem e auto-imagem docente, refletirem sobre os saberes da docência, da identidade como sinônimo de poder, e do professor como sujeito que continuamente constrói a si mesmo ao longo de sua trajetória de (re)construção do ser docente.

Para Candau (2002), antes de qualquer discussão, é necessário considerar o professor como um ator, no sentido forte do termo; o professor como um sujeito que assume sua prática a partir de significações que a ela atribui, além disso, é preciso interessar-se pelos saberes e pela subjetividade dele, para que assim se possa penetrar no cerne da identidade de ser professor, e se passe a entender o seu construir-se professor, analisando as interações deste com os alunos e com os demais envolvidos nos processos educacionais.

Mas um dado importante retirado de quando analisamos as entrevistas, foi o de em todas elas, todos os profissionais da área de Ciências do Ensino Fundamental II entrevistados são exclusivamente do sexo feminino. Um dado importante, que nos deixa o seguinte questionamento: por que as mulheres continuam a escolher mais a profissão docente do que os homens? Apesar das insinuações, não podemos afirmar de fato o devido motivo, nem os porquês de tal escolha, se este seria uma questão de identidade, ou de falta de oportunidades. Mas isso é de fato, um tema para um outro estudo.

Quando questionamos uma das professoras sobre o ser professor nos dias atuais, a resposta da mesma foi:

Não é fácil... mudou muita coisa. Quando você escuta os professores de mais experiência falando de tempos atrás, era bem diferente. Nós tínhamos alunados bem diferentes, famílias diferentes, a estrutura familiar hoje em dia é totalmente diferente, complexa, bem diferente... e isso, queira, ou não queira, vai interferir no aluno, vai interferir com certeza.

Na fala da professora podemos observar dois aspectos muito interessantes, um é o da dificuldade em lidar com o ser professor nos dias de hoje, observado na fala da docente ao utilizar da palavra “muito” para descrever o grau de dificuldade, e outro, no que diz respeito ao compartilhamento de experiências com da professora em questão com os outros professores citados ocultamente na fala da mesma, o que caracteriza o tema do nosso estudo, que é a constituição da identidade docente a partir de uma construção social progressiva, por agregado de experiências e vivências.

A professora atribui a dificuldade da profissão docente ao alunado, que sofreu e vem sofrendo modificações ao longo dos tempos, e que tem ganhado características cada vez mais diferentes, e atribui um peso também a estrutura familiar, que hoje em dia é totalmente diferente da de antes, sendo mais complexa do que as de outrora, admitindo que dependendo do histórico familiar das crianças e/ou adolescentes, estes chegam a escola com visões de mundo totalmente diferentes umas das outras. Uns pensam em um futuro promissor, e se dedicam a escola e ao estudo, já outros, tomam para si o espaço escolar como um passatempo. O que na maioria das vezes gera um desgaste e um desestímulo nos profissionais que estão intrinsecamente ligados à realidade desses jovens.

Dessa forma, passamos a entender que, além de enfrentarmos uma crise de identidade do ser docente, temos que enfrentar a triste realidade de alunos que não ajudam os professores a caminhar para frente. Alunos esses que não enxergam um horizonte futuro, e só conseguem ver a realidade em que estão, e que não se importam com o que será e se dará daqui para frente. Alunos desinteressados, professores cansados. Alunos desestimulados, professores mal reconhecidos e mal pagos. Alunos problemáticos, professores sem saber como lidar, e sem saber mais o que fazer. Essa é a nossa mais cruel realidade.

Entre debates e embates entorno do tema de desvalorização e precarização do ser professor, Pimenta (1996) se coloca em oposição a corrente de desvalorização do professor que o considera como um simples reproduzidor de conhecimentos, e assim como ela, acreditamos ser o professor um agente mediador entre o aluno e a sociedade, mas o que percebemos também, é que essa sociedade não tem contribuído com o papel do profissional docente, e tem atribuído cada vez mais o fracasso escolar dos alunos a estes profissionais, sem mesmo antes tentar compreender os verdadeiros desafios que a classe professoral enfrenta.

Na maioria das falas dos professores entrevistados o que constatamos foi a opinião de que para ensinar é necessário em primeiro lugar “gostar da profissão” seguido da “identificação pela profissão”, mas ao mesmo tempo que observamos que existem professores que consideram importante o gosto pela profissão, constatamos também na fala dos mesmos professores como principal dificuldade no exercício da docência o “não querer dos alunos” caminhando conjuntamente com a indisciplina da classe estudantil. Dois polos opostos de um mesmo embate, que carece de uma certa persistência por parte dos professores para lidar com as inúmeras adversidades da profissão, que foi um dos pontos também destacados pelos professores.

Para Arroyo (2000), somos professores referidos a uma imagem social, e quando essa imagem é mexida, nos sentimos inseguros. Aqui entra a questão da identidade, imagem e autoimagem docente que caminham de forma conjunta e inseparável, pois a identidade é reflexo da imagem social que carregamos, e todas elas são construções sociais que são adquiridas ao longo do tempo, que sofrem modificações e que estas modificações atingem diretamente o ser social do profissional em questão. A partir do momento em que estes profissionais se sentem ameaçados pela falta de interesse dos alunos e pela desvalorização da carreira, a autoimagem docente é ferida, e a identidade profissional docente atingida. Para esse mesmo autor, essa identidade profissional tem de ser tratada com muito mais cuidado e respeito, pois é uma questão que atinge diretamente o fazer educativo.

Dentre as outras dificuldades mais destacadas pelas professoras, encontram-se a escassez de recursos para ensinar, a ausência dos pais na vida escolar dos filhos, as carências governamentais, a desvalorização da carreira e o reconhecimento docente. Mas em meio a tantas dificuldades para ensinar, qual o perfil de professor deve ser o de nosso tempo? Para as entrevistadas é uma questão de persistência, de compreender o outro, de gosto e de abertura a construção de conhecimentos para a construção de uma sociedade mais justa. O que percebemos é que mesmo em meio as dificuldades, e a uma autoimagem ameaçada, ainda existem profissionais que acreditam muito na educação como mudança, e como instrumento de formação social e moral.

Mas afinal, seria a identidade uma questão de poder?

Para Silva (2005), o currículo é um território de construção social de conhecimentos, e um espaço onde se discute questões de saber, poder e identidade. Portanto, no currículo que é um espaço de poder se camufla nossa identidade, o que a torna uma construção dentro de um território de constantes embates e conflitos de valores. E dessa forma, não podemos excluir a identidade profissional como sendo um tema de empoderamento pessoal. Professores que assumem a identidade docente como poder conseguem e sabem lidar da forma mais correta com as questões acima citadas, e não descansam de reivindicar por melhorias da classe, como sempre fizeram os que incansavelmente lutaram para que os professores hoje tivessem um lugar de prestígio garantido em meio as demais profissões.

O importante é sabermos nos situar dentro da dinâmica social, sem nos esquecer de quem somos e o valor que temos, e para Arroyo (2000) “quando não entendemos bem o que somos, é bom voltarmos para a história em que foi construindo-se

nosso ofício”, pois é assim que se constrói e se dá continuidade ao poder de uma classe, quando esta se orgulha em assumir a sua identidade dentro da sociedade em que está inserida e não se envergonha em lutar para garantir seus direitos.

E frente aos desafios do ensino, da aprendizagem e da prática docente, as reflexões sobre currículo são extremamente necessárias para que se possa identificar as possíveis causas dos principais problemas encontrados na educação como resultado de um conjunto de processos, e assim se possa intervir da forma mais correta possível. É importante diante dessas discussões, não se limitar a críticas, mas buscar sempre ir além, propor ações a partir das análises do ambiente escolar, contexto sócio-político e vida profissional do corpo docente. Possibilidades estas de ultrapassar a ideia do fazer apenas. Pensar um salto do fazer, para o saber-fazer. É um processo de reflexão e ação, pois acreditamos que “o grande desafio do trabalho de currículo está focado nas políticas e práticas, que influenciarão o desenvolvimento da cultura escola” (GESSER & VIRIATO, 2014), e conseqüentemente, um melhoramento do saber-fazer, a partir do momento que se é orientado a tomar uma direção.

Mas na verdade o que falta é um espaço apropriado para momentos de discussão, debate e troca de experiências entre os profissionais da educação dentro do próprio ambiente escolar, além de uma carência de formação continuada destes mesmos profissionais, o que é resultado de professores cansados da profissão, e muitas das vezes mal atendidos e acolhidos na escola em que estão ocasionando um baixo rendimento no processo de ensino-aprendizagem, e na construção da profissão docente, afinal o ser professor é construído pela troca de experiências, e pela convivência com o social.

Para que se consiga atingir tamanhos objetivos quando se trata do ser e fazer-se professor precisamos, portanto, considerá-lo como um sujeito que é um

um profissional do humano que ajuda o desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento; é um ser de cultura que domina sua área de especialidade científica e pedagógico-educacional e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro que produz conhecimento sobre sua área e sobre a sociedade. (PIMENTA, 2002)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa como forma de análise de realidades da profissão docente, cumpriu seu papel de demonstrar que para ser professor nos dias de hoje se requer coragem, ousadia, e

acima de tudo, uma boa formação e uma boa prática para saber lidar com as mais diferentes realidades encontradas no ambiente escolar, mais especificamente na sala de aula. É de extrema importância, portanto, entender que a profissão docente é um ato de amor ao próximo. E nosso objetivo primordial foi o de por meio do presente estudo, fazer entender que “os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais, mas comportam situações problemáticas que requerem decisões num terreno de grande complexidade, singularidade e de conflito de valores”. (PIMENTA, 2002, p.68)

E além do mais, demonstrar a importância do Estágio Supervisionado como uma ferramenta capaz de desenvolver nos alunos da graduação uma atitude investigativa, fazendo-os penetrar no seio de um laboratório vivo – a escola, e se sentirem capazes de antes de serem um profissionais propriamente ditos, terem a oportunidade de enfrentar a realidade de nossas escolas, e saírem delas com uma visão mais arraigada do que um professor do nosso século precisa para lidar da melhor forma com a profissão, além de despertar neles questionamentos referentes a prática docente, e respostas de como enfrentar a realidade que enxergam.

Ao nos abirmos a novos questionamentos e novas visões a respeito da docência, compreendemos que o maior desafio que os cursos de formação inicial enfrentam, “é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu ver o professor como aluno ao ver-se como professor” (PIMENTA, 1996), e através dessa realidade de passagem, sermos capazes de passar a enxergar o Estágio Supervisionado como um campo de reflexão, discussão e ação, e podermos torná-lo uma possibilidade de formação de bons profissionais da educação, pondo-os em contato imediato com o sentido, os questionamentos e realidades da profissão.

Precisamos, portanto, concentrar nossas discussões em torno de políticas curriculares que se preocupem cada vez mais com o conhecimento, e com as identidades que sofrem com a grande inversão de valores que permeia a nossa sociedade, pois

O currículo é lugar, é espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 2005)

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2000.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática, currículo e saberes escolares** / Vera Maria Candau – Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 2ª edição.

GESSER, Verônica; VIRIATO, Edaguimar Orquizas. **Currículo: histórico, teorias, políticas e práticas**. 1ª. ed. – Curitiba, PR: CRV, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência** / Selma Garrido Pimenta, Maria Socorro Lucena Lima; revisão técnica José Cerchi Fusari. – 7ª ed – São Paulo: Cortez, 2013. – (Coleção docência em formação. – Série saberes pedagógicos)

_____. **Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor**. Faculdade de Educação da USP.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: introdução às teorias do currículo**. Tomaz Tadeu da Silva. – 2ª ed, 9ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.